

# **A EMERGÊNCIA E POTENCIALIDADES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA E AUTOGESTÃO NO CONTEXTO DAS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO: A PARTICIPAÇÃO DA UNIVERSIDADE**

Sonia Maria Rocha Heckert

Coordenadora da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares

A economia solidária, hoje emergente, não é uma forma compensatória diante da exclusão do mercado formal de um número significativo de trabalhadores, mas uma outra economia sintonizada com transformações mais profundas. Com isto, não pretendemos minimizar a premência de se buscar respostas imediatas para um dos maiores problemas da atualidade, o desemprego. Atualmente, todos partilham de um sentimento de medo — por si, pelos filhos, pelos amigos, pelos próximos — diante da ameaça de exclusão do mercado. Enfim, todos sabem que a cada dia vem aumentando o número dos excluídos e os riscos da exclusão, em decorrência do modelo neoliberal.

O desemprego deixou de existir em setores específicos para se expandir para todas as áreas e segmentos da população. Para compreender o drama que representa o desemprego e a exclusão basta lembrar que, em decorrência dessa situação, a própria função do emprego se altera na sociedade. Deixamos de pensá-la somente com o enfoque produtivista, mas passamos a encarar o trabalho como assegurador da estruturação social justa.

No contexto dessas mudanças no mundo do trabalho e em uma conjuntura desfavorável aos trabalhadores surgem importantes iniciativas no campo da economia solidária e da autogestão, como reação à exclusão, entre as quais incluímos as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. Elas começam como projetos, programas ou órgãos das universidades com a finalidade de dar suporte à formação e ao desenvolvimento de cooperativas populares criadas por iniciativa de grupos de desempregados ou daqueles que vivenciam situações de precarização do trabalho. O que pretendem é centrar a atenção em uma forma de organização econômica que seja simultaneamente viável e emancipatória e na qual os conceitos de solidariedade, autogestão e democracia, entre outros, estejam elencados como princípios fundamentais.

Tais iniciativas no campo da economia solidária são, dessa forma, portadoras de potenciais maiores que estão a despontar, e que não se limitam a responder à exclusão do mercado. Os princípios da cooperação e da solidariedade, por exemplo, não se restringem ao empreendimento, mas se ampliam com ressonâncias nas relações de gênero, raciais, ecológicas, multiculturais etc.; o princípio da autogestão torna-se uma dinâmica geradora da inclusão, na medida em que supera ações individualistas e outras que regem o trabalho subalterno; a

intercooperação manifestada através das redes e das parcerias forja um mercado solidário reinstaurando as trocas cooperativas e comprometidas com o território e sua população, entre os limites ecológicos e éticos.

Essas experiências não podem ser avaliadas apenas por sua dimensão econômica. As suas potencialidades vão além, afirmando-se enquanto estratégia estruturante de um outro desenvolvimento, socialmente humano e ecologicamente sustentável; são formas de trabalho diferenciadas na medida em que também buscam a cidadania e a realização humana. Elas implicam transformações na sociedade, lentas e graduais, que criam espaços de solidariedade dentro de ou nas margens do sistema capitalista. Demandam ainda mudanças também na universidade, tais como a explicitação de novos paradigmas e conceitos, a priorização de temáticas e de conteúdos não habituais aos currículos dos diversos cursos, a transposição da linguagem da academia para o setor popular, o desenvolvimento de metodologias e procedimentos pedagógicos específicos.

O papel da universidade é vital no debate sobre a exclusão, participando da construção de alternativas e apontando caminhos. Ela é uma instituição criada pela própria sociedade e, como tal, relaciona-se imperiosamente com esta. Assim, as questões prioritárias da sociedade são também as da universidade. Não obstante, em nosso cotidiano nem sempre presenciamos esse envolvimento. Como a sociedade não é um todo orgânico e sim um espaço de interesses conflitantes e contraditórios no qual grande parcela da população vive em um processo de exclusão, historicamente prevalecem na universidade posicionamentos coniventes com os interesses dos grupos dominantes. Em sua relação com os demais ela assume, com frequência, a prestação de serviços assistencialistas, revestidos de um caráter de favor, inquestionáveis para aqueles que se colocam como seus beneficiários.

Felizmente, existem projetos acadêmicos que revelam posicionamentos diferentes, aproximando o saber científico das realidades cotidianas dos trabalhadores, entre os quais incluímos as incubadoras já apontadas. Trata-se de experiências ainda incipientes, mas que podem constituir-se, acredito, em um modelo de interação efetiva da universidade (em suas dimensões de ensino, pesquisa e extensão) com a sociedade. Atualmente, temos 16 universidades desenvolvendo a incubagem de cooperativas populares de forma sistemática e integradas à Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares.

Ao trabalhar a partir dos fundamentos da economia solidária, as incubadoras trazem para a academia um novo debate, uma nova cultura nas relações de trabalho, enriquecendo e ampliando as experiências universitárias e as provendo de um novo significado. Esse panorama coloca para a instituição, em especial, um duplo desafio: o desenvolvimento e a transferência de metodologias e tecnologias em uma área inovadora (que envolve elementos da cidadania e de cooperação) e a formação de profissionais competentes para a implementação dessas práticas emergentes. Tal é a essência do programa das incubadoras. Entendo que, exercitando essa práxis, a universidade cumpre também o seu compromisso social.

A economia solidária, enquanto ensaio de um novo projeto de sociedade, sinaliza também para uma nova universidade, portadora de uma nova ética, de uma nova cultura pautada nos princípios da solidariedade e da cooperação, na prática da autogestão e assim buscando enfrentar os desafios da globalização. Dessa forma, a despeito de seus limites, a economia solidária, com seu potencial inovador, abre perspectivas para renovar também a universidade.